



A fábrica de Jorge Freitas já emprega 18 funcionários



Waldeete costurava sozinha e hoje tem etiqueta própria

Na informalidade está a base econômica de Bauru

LUIZ MALAVOLTA

BAURU, SP — Guararapes, Bauru e Ibitinga têm algo em comum: a economia dessas cidades está calcada num setor formado principalmente por micros e pequenas empresas, praticando a economia invisível ou informal, a maioria delas funcionando no fundo de quintal ou em barracões improvisados. Geram empregos e riquezas, mas sem pagar impostos, por não terem a sua atividade regulamentada.

As prefeituras preferem incentivar esse tipo de atividade econômica, a perseguir os microempresários por causa da sonegação de impostos. A Prefeitura de Guararapes não só não faz questão de regulamentar as atividades das microindústrias de bordados, que surgiram nos últimos 12 anos nesse município de 30 mil habitantes, como abriu uma escola para ensinar os moradores a se especializarem nesse trabalho artesanal.

Hoje, Guararapes já é conhecida como "a capital do bordado da região Noroeste de São Paulo" e sua Prefeitura promove, uma vez por ano, a feira do bordado. A cidade tem mais de 500 bordadeiras, com ateliês funcionando no fundo do quintal, e a escola de bordadeiras forma a cada seis meses 100 novas mestras no setor.

Para o Prefeito Joaquim Marques de Oliveira, não interessam ao município os impostos, e sim as riquezas que a atividade traz a Guararapes, onde, hoje, cada bordadeira tem seu próprio negócio em casa e fatura por mês até CZ\$ 50 mil.

Ibitinga, 45 mil habitantes, também começou assim, no fim da década de 60, e hoje é considerada a "capital do bordado brasileiro", com 84 indústrias que produzem por dia cerca de 200 mil peças de bordados, a maioria formada por microempresas comandadas por famílias que vivem desse artesanato.

Em Bauru, 250 mil habitantes, em menos de dois anos, o número de micros e pequenas empresas quase dobrou, segundo um levantamento que acaba de ser feito pelo Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp). O presidente da entidade, Caio Coube, disse que em 1985, em

Bauru, existiam 363 empresas em atividade econômica informal. Hoje, essas empresas já são 508 e empregam em média 26 funcionários, que se dedicam principalmente aos setores de produção de calçados, roupas e móveis. Para traçar um perfil desse tipo de atividade econômica, o Ciesp está editando um "cadastro industrial de Bauru", elaborado pelos estudantes da Faculdade de Economia local.

— Essas empresas ganharam grande impulso nos últimos anos, depois da recessão econômica de 1983, quando muita gente perdeu o emprego e acabou abrindo seu próprio negócio. Para a sobrevivência nesta fase difícil, é preciso a união dos empresários que integram esse segmento — afirmou Coube.

E é justamente isso o que os micros e pequenos empresários de confecções de Bauru decidiram fazer: vão realizar de 5 a 11 de dezembro a 1ª Feira da Moda de Bauru, não só para mostrar o que produzem, mas também para conquistar o mercado de outros Estados.

Uma das participantes da feira é Waldete Aparecida Antonio Zamboni. Ela começou costurando sozinha, há 10 anos, e hoje já tem a sua fábrica dentro de casa, com 15 funcionários, com um nome que é também etiqueta personalizada das roupas que produz: "Cami Confeções".

Ela disse que as maiores dificuldades que vem tendo, agora que regularizou sua empresa, relacionam-se aos impostos e ao custo dos tecidos que usa nas confecções.

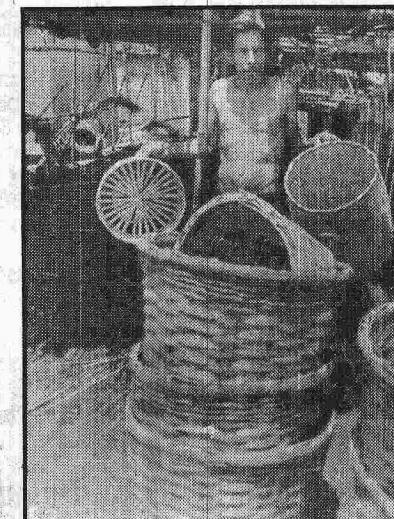
— Em menos de um ano, a matéria-prima subiu 200% e nós não podemos repassar estes custos. Agora, sou obrigada a pagar 17% de Imposto Sobre Circulação de Mercadorias (ICM) das roupas que comercializo. E um imposto muito elevado para uma microempresa.

Jorge Antonio Freitas, dono de uma pequena fábrica de calçados de Bauru, concorda com Waldete. Diz que os encargos são hoje o maior obstáculo para quem tem uma micro ou pequena empresa. Ele produz 150 pares de sapatos por dia em sua fábrica de 18 funcionários, mas é único responsável pela venda. A fábrica nasceu na garagem de sua casa há três anos, com apenas um sapateiro. Hoje, tem máquinas suficientes para produzir 500 pares por dia. Mas não há mercado para tanto sapato. Além disso, Jorge Freitas diz que outra grande dificuldade é com a compra de couro.

— Essa febre de exportar tudo o que temos está levando os industriais do couro a optarem pelo mercado externo, onde recebem dólares. Nós só conseguimos comprar couro com pagamento antecipado. Isto está nos massacrando, pois é uma competição desigual — disse Freitas.

Quem não está reclamando da situação é Sérgio Carlos Rodrigues. Há um ano ele deixou de ser empregado de uma indústria de móveis para abrir seu próprio negócio. Hoje, tem uma microindústria num galpão no fundo de um quintal, na periferia de Bauru. Produz armários para cozinhas e guarda-roupas embutidos. É um produto destinado a um público de maior poder aquisitivo. Um armário embutido custa em média CZ\$ 40 mil. Sua produção mensal é de 18 peças.

— Fiz um ótimo negócio. Deixei de ser empregado, onde estaria ganhando hoje apenas CZ\$ 7 mil por mês. Agora tenho minha própria indústria. Depois de pagar todos os compromissos e salários dos quatro funcionários que mantenho, obtendo um faturamento líquido de CZ\$ 25 mil por mês.



Fabricar balaios, saída para a crise